

A ESCRITA FEMININA N' O TEXTO-CATARINA

THE FEMININE WRITING IN O TEXTO-CATARINA

*Lucia Castello Branco*¹

RESUMO

O artigo propõe uma leitura de *O Texto-Catarina*, de Maria Gabriela Llansol, a partir dos pressupostos acerca da “escrita feminina”, de Lucia Castello Branco, articulados à figura llansoliana do “feminino de ninguém” e ao operador de mesmo nome, desenvolvido por Lucia Castello Branco, com base na figura llansoliana, com ressonâncias da teoria psicanalítica sobre a letra e o feminino. Busca-se investigar ainda a articulação de “feminino de ninguém” com o que Llansol teria sugerido na *Carta ao Legente* (2000), ao escrever: “Finalmente, eu passei apenas pela escrita. Palavra feminina como eu”. Levando em conta, segundo palavras da própria autora, que “um eu é pouco para o que está em causa”, arricamo-nos na hipótese de que *O Texto-Catarina* avança em direção ao que poderíamos chamar, com Llansol, de “escrita feminina de ninguém”. Espera-se, assim, numa leitura *de* Llansol e *com* Llansol, produzir um efeito de “sobreimpressão”, em que a relação entre afecção, imagem e pensamento se dê a ver num gesto textual ofertado também *para* Llansol, em reciprocidade ao que ela realiza na carta de 4 de julho de 1998, “para Lúcia Castello-Branco, e seus alunos”.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita feminina. Feminino de ninguém. Carta.

ABSTRACT

The article proposes a reading of the book *O Texto-Catarina*, by Maria Gabriela Llansol, from the assumptions about “feminine writing”, by Lucia Castello Branco, articulated to the Llansolian figure of “nobody’s feminine” and to the operator of the same name, developed by Lucia Castello Branco, based on Llansolian figure and on Lacanian ideas about “letter” and “feminine” in psychoanalysis. The aim is also to investigate the articulation of “nobody’s feminine” with what Llansol would have suggested in *Carta ao Legente* (2000), when she wrote: “Finally, I only went through writing. A feminine word like me”. Taking into account, according to the author’s own words, that “a self isn’t enough for what is at stake”, we venture into the hypothesis that *O Texto-Catarina* advances towards what we could call, with Llansol, the “feminine writing of nobody”. It is expected, therefore, in a reading of Llansol and *with* Llansol, to produce an effect of “overprinting”, in which the relationship between affection, image and thought can be seen in a textual gesture offering also *to* Llansol, in reciprocity of what she does in the letter of July 4, 1998, “to Lúcia Castello-Branco, and her students”.

KEYWORDS: Female writing. Nobody’s feminine. Letter.

“O Texto Catarina, sentado na cadeira de balouço, principiava a ser assim uma longa carta de amor.” (LLANSOL, 2014, p. 95)

“ Sintra 5 de maio de 1997

Chamar o Verão/ Ida a Sintra deitar uma carta no correio” (LLANSOL, 2020, p. 7).

Assim se inicia o *Texto-Catarina*, livro publicado em 2020 e que, segundo seus organizadores, “constitui um núcleo autônomo na escrita de Maria Gabriela Llansol, entre Março e Junho de 1997, esparsamente anotado em dois de seus cadernos de escrita, e depois integralmente elaborado num dos *dossiers* dactiloscritos de seu espólio.” (BARRENTO, SANTOS, 2020, p. 136).

A primeira pergunta que nos ocorre, ao ler este início de posfácio, é por que um livro que Maria Gabriela Llansol teria deixado “integralmente elaborado” demorou tanto para vir a público. A segunda pergunta, imediatamente ligada a esta, é por que razão esse livro, “núcleo autônomo na escrita” de Llansol, teria sido publicado “fora” das edições do Espaço Llansol e sem nenhum alarde. A terceira pergunta é por que os organizadores dessa edição não assinam o posfácio do livro, em que se lê uma pergunta quase ingênua, se não fosse um tanto capciosa:

Mas, perguntamo-nos ainda, porquê o recurso a uma figura de mulher, que se presta a todas as vicissitudes da escrita e oferece o seu corpo e o seu nome, para reduzir ao mínimo o espaço que medeia “entre a consciência do texto e a consciência de quem lê”? (BARRENTO, SANTOS, 2020, p. 138)

Sabemos, com Llansol, que “há três coisas que metem medo”. E que a terceira é “um cor’p’screver. Só os que passam por lá sabem o que isso é. E que isso justamente a ninguém interessa”. (BORGES in LLANSOL, 1999, p. 10). Afirmo, então, que é com *um cor’p’àscrever* que escrevo este texto. E esse, sabemos, não é exatamente o corpo de Llansol, nem o corpo de sua legente, mas um corpo que se escreve a partir do inconsciente do texto e do inconsciente de quem lê. A direção, portanto, é radicalmente oposta àquela que se vislumbra na citação acima. E, se justamente isso “a ninguém interessa”, ousou afirmar a existência de um cor’p’àscrever o feminino de ninguém. E é a partir dessa perspectiva – a do ninguém de um certo feminino – que me ponho a ler *O Texto-Catarina*.

I – Sintra, 5 de março de 1997: A carta roubada

Muitos de nós conhecemos o conto “A carta roubada”, de Edgard Allan Poe, que foi objeto de diversas leituras, uma delas especialmente interessante, de Jacques Lacan. A leitura desse texto inicia, na obra de Lacan, uma apuração acurada da noção de letra/carta (*la lettre, the letter*), em que o psicanalista começa a verificar os efeitos da letra, destacados mais e mais dos chamados efeitos do significante, até chegar na conhecida frase: “uma carta sempre chega a seu destino”. (LACAN, 1998 [1956], p. 41).

O que poucos alcançam é que o “destino” de uma carta não se confunde necessariamente com o seu destinatário. Sigamos um pouco a leitura proposta por Eduardo Vidal para o trajeto da letra/carta na obra de Lacan e chegaremos a este ponto:

Em se tratando de uma carta que é furtada, mas que vai fazer um trajeto, interessa a Lacan muito mais o significante *purloined*, com o sentido de: “colocar fora”, “longe”, fazê-lo circular por fora e de longe. Portanto, além de furtada é uma carta desviada e também colocada de lado. Lacan recorre, em sua proposta que não é exatamente de tradução, mas de leitura da narrativa e da produção de um certo conceito, a um termo que se utiliza no correio francês, quando uma carta não é retirada por seu destinatário (e não destinação): diz-se que a carta está *en souffrance*. Isso significa que a carta está à espera do destinatário, que deveria retirá-la. (VIDAL, 2015, Texto inédito).

O que é interessante percorrer, nessa leitura que um psicanalista faz sobre o seminário de outro psicanalista acerca de um texto literário, é que uma carta/letra não se lê senão “ao pé da letra”, quando o leitor se deixa ser lido pela letra. É, portanto, o leitor lido pela letra que pode ser considerado, na leitura de Vidal e também na de Lacan, como o “destino” de uma carta. Por isso, “uma carta sempre chega a seu destino”, mesmo que demore séculos para encontrar aquele leitor – melhor dizendo, em linguagem llansoliana, aquele legente – que deseje colocar-se ao “pé da letra” e que se permita ser lido por ela:

Portanto, não se trata de chegar à destinação, ou ao destino, como uma carta que chega a alguém. Não chega a um destinatário, porque não há destinatário de uma carta/uma letra. De alguma forma, endereça-se a qualquer um que deseje colocar-se ao “pé da letra”. Ou seja, não se endereça a um destinatário, endereça-se a uma destinação. Esse endereço é o seu destino. Esse destino é o sujeito que se deixa, de alguma maneira, ler pela letra. Que se considera passivo, de certa forma, a ponto de ser lido pela letra. É o sujeito do inconsciente, isto é, o sujeito enquanto dividido. (VIDAL, 2015, Texto inédito).

Começemos por admitir que esta é a leitura exigida pela textualidade de Llansol e, em especial por alguns de seus textos-cartas, como *Amar um cão e Hölder, de Hölderlin*. Talvez, se seus curadores se permitissem dividir pela letra/carta, a edição proposta para *O Texto-Catarina* pela Editora Sr. Teste poderia também ter o formato de um livro-carta, como a edição dos livros acima citados, inicialmente publicados pela Colares Editora. De qualquer maneira, trata-se de uma bela edição, bastante cuidadosa, não fosse pela omissão de alguns detalhes.

É, pois, esta a proposta de leitura que já começo a delinear, neste texto que se escreve *com* Llansol: a de que busquemos ler sua textualidade na dimensão da carta/letra e a de que *O Texto-Catarina*, especialmente, seja tomado aqui, em nossa leitura, como um texto-carta de amor que passou pelo menos 23 anos *en souffrance*, à espera de um legente. E, se o nome de sua editora, Catarina Domingues, aparece discretamente nessa edição tão discreta quanto enigmática, ele não deixa de provocar uma certa confusão naqueles que leem o texto-carta de Llansol: teria sido este o destino dessa carta? Lembremo-nos: o destino não é o destinatário, mas aquele que se deixa dividir pela letra.

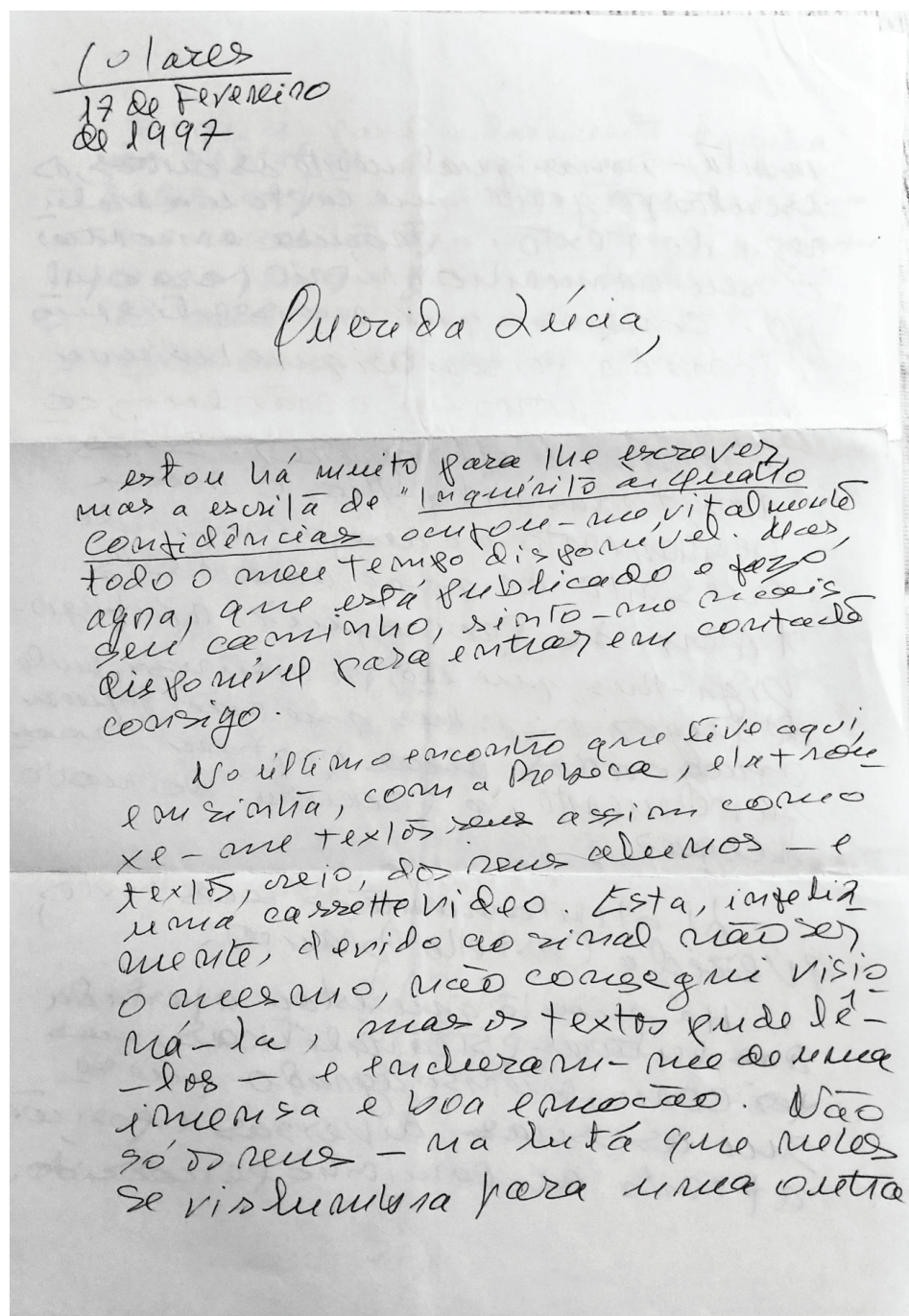
É, pois, com essa pequena ressalva – o ressaltado de um significante: destino – que me ponho a ler *com* Llansol esse texto. E, já de início, afirmo: há, nesse texto, uma íntima convivência com o feminino. E, mais ainda: há, nessa escrita que poderíamos chamar de feminina, o encontro de duas mulheres. E um pouco mais: essas mulheres que, nessa composição feminina, aumentam sua potência de agir e sua força de existir, escrevem um feminino de ninguém.

Lembremo-nos, já de início, deste detalhe que quase passa despercebido, à página 18: “Ligo as idas ao correio (“pôr uma carta para o Brasil...”) / à injunção da beleza”. (LLANSOL, 2020, p. 18). Liguemos, pois, *O Texto-Catarina* ao seu início: “*Chamar o Verão/ ida a Sintra deitar uma carta no Correio*”. Para quem será que Llansol escrevia e enviava cartas de Sintra, em 1997? E para quem, no Brasil, Llansol escrevia e enviava cartas de Sintra, em 1997?

Sublinhemos, com Eduardo Vidal e com Lacan, o significante *purloined*, que tem o sentido de “colocar fora”, “longe”. E novamente uma das questões que abre este texto se coloca: por que justamente um “núcleo

autônomo” da escrita de Llansol teria sido publicado fora das edições do Espaço Llansol? Assim, espalhemos, ao lado do texto-carta-Catarina, dois outros textos-cartas: A *Carta ao Legente*, enviada a “Lúcia Castello-Branco, e seus alunos”, em 4 de julho de 1998, e publicada em 2000, e uma outra carta de Llansol a Lucia Castello Branco, datada de 17 de fevereiro de 1997. Com elas sigamos, em direção a “ O sonho de que temos a linguagem”. (LLANSOL, 1997).

II – Colares, 17 de fevereiro de 1997: o fulgor é móvel



Colares
17 de Fevereiro
de 1997

Querida Lúcia,

estou há muito para lhe escrever,
mas a escrita de "Inquirito a respeito
Confidências" ocultou-me vitalmente
todo o meu tempo disponível. Mas,
agora, que está publicado o feito
seu canon, sinto-me acessível
disponível para entrar em contato
consigo.

No último encontro que tive aqui,
em simão, com a Proboca, extraí
xe - me textos que assim como
textos, reio, dos meus alunos - e
uma cassete video. Esta, infeliz
mente, devido ao canal não ser
o meu meo, não conseguí visio
ná-la, mas os textos pude lê-
los - e partilharam-me de uma
imensa e bom emoção. Não
só os meus - na luta que meles
se vislumbra para uma outra

Figura 1 – P. 1 Carta de Maria Gabriela Llansol a Lucia Castello Branco (acervo pessoal de Lucia Castello Branco).

escrita -, mas igualmente os outros, os
escritos por gente que captou a mate-
reza do texto, e procura encontrar
o seu caminho próprio para o pul-
so. Confesso que me senti em-
ciana da por sentir que há mun-
dos que outros - que não eu -, co-
meçam a percorrer. Se os
vires, transmite-lhes o meu
entusiasmo e o desejo profundo
que sinto de que não desis-
tam de prosseguir a fulgu-
rância-lhes que eu, por natureza, mudei
de lugar. Niga-lhes que não se queiram
magoados mas partam, vácuo
savelmente, e procurem do novo
lugar.

Li atentamente os seus textos,
querida Castello Branco.

Há muito que estou afastada
das leituras psicanalíticas, mas
foi com imenso agrado que se-
guei as suas diversas exposições
a respeito do caminho percorrido.

Figura 2 - P. 2 Carta de Maria Gabriela Llansol a Lucia Castello Branco (acervo pessoal de Lucia Castello Branco).

Fiquei particularmente focada
pela tentativa de estabelecer proximidade
dados sobre a importância da língua
e o conceito de "compartimento", assim
como com a proximidade entre
os meus textos e a [literatura terra]
Não creio ter alcançado tudo
mas ver alguém debucado sobre
o sobre o texto é uma experiência
lisa deves "com-fortante". São
taria de os nos publicados em
Portugal.

Não sei se já leu o meu
último texto. Se precisar, eu
peço ao meu editor que lhe envie.
Deixo as notícias.

Com muita
amizade,

Maria
Llansol

Figura 3 – P. 3 Carta de Maria Gabriela Llansol a Lucia Castello Branco (acervo pessoal de Lucia Castello Branco)

Começamos nossa leitura por esta carta de Llansol, dirigida a mim, em 17 de fevereiro de 1997, depois de concluído o livro *Inquérito às quatro confidências* (LLANSOL, 1996), em que a escritora faz referência a cartas e trabalhos meus e de meus alunos, enviados por mim a ela, aos cuidados de Rebeca Cortês de Paula Carneiro, uma de minhas orientandas de mestrado, a primeira a defender dissertação sobre a obra de Maria Gabriela Llansol no Programa de Pós-graduação em Letras da FALE/UFMG. (CARNEIRO, 1997).

Ali se pode ler não só sobre o fecundo diálogo que mantínhamos acerca das articulações da literatura com a psicanálise, mas sobretudo ver uma direção de leitura, apontada por Llansol, que sempre visou o legente. A comunidade brasileira, situada mais especificamente em Belo Horizonte, a partir do trabalho que há quase trinta anos vem se desenvolvendo na Faculdade de Letras da UFMG sobre a textualidade llansoliana, é convocada por Llansol, por mais de uma vez, como “Lucia Castello Branco e seus alunos”. Aqui, nesta carta de 1997, escrita poucos dias antes da data que marca o início de *O Texto-Catarina*, essa comunidade de legentes é referida e recebe, de Llansol, uma direção:

Se os vir, transmita-lhes o meu sentimento e o desejo profundo que sinto de que não desistam de perseguir (n)o fulgor. Diga-lhes que ele, por natureza, muda de lugar. Diga-lhes que não fiquem magoados, mas partam, incansavelmente, à procura do novo lugar. (LLANSOL, 1997, p. 2).

E atentem para esta “confissão” que, inegavelmente, assinala o desejo de Llansol por uma transmissão de seu texto: “Confesso que me senti emocionada por sentir que há mundos que outros – que não eu – começam a percorrer” (LLANSOL, 1997, p. 1). Dentre esses mundos do “fulgor móvel”, podemos situar um, em que eu já me situava – o mundo da escrita feminina, tema de minha tese de doutorado -- *A traição de Penélope: a escrita feminina da memória* -- defendida em 1990, dois anos antes, portanto, de meu encontro com o texto de Llansol e com a autora, de quem eu me tornaria legente e amiga, até hoje.

Quando a encontrei pela primeira vez, em junho de 1992, não foi pouco o trabalho que tive para explicar a ela que a “escrita feminina” não se reduzia à escrita da mulher. Na ocasião, já havia publicado um de meus livros mais lidos, em co-autoria com Ruth Silviano Brandão: *A mulher escrita* (BRANCO, BRANDÃO, 1989). E passei os primeiros dez minutos de meu primeiro encontro com Llansol explicando a ela em que consistia, a meu ver, o que eu então denominara de “escrita feminina”.

Foi logo depois que li, em *Um falcão no punho*, a veemente recusa de Maria Gabriela Llansol ao rótulo “feminino” para seus textos:

Conversa com a Lurdes, na sua sala rodeada de sombras e de janelas, e que me cria sempre um modo especial de espaço, tão aprazível.

Ela, em resposta à minha pergunta, diz que seria interessante enviar *A restante vida* e *O livro das comunidades* à Sociedade de Língua Portuguesa que organiza, durante o mês de Junho, uma exposição de livros de escritoras portuguesas contemporâneas. Porque, segundo ela, há uma escrita feminina.

Eu não acho.

À medida que o texto adquire uma certa potência, deixa de ser característico de homem, ou de mulher. Dou *O monte dos vendavais*. De Emily Brontë, como exemplo. Eu própria vou sentindo uma parte neutra no meu ser – a terra prometida da força e a terra de ninguém do sexo. (LLANSOL, 2011 [1984], p. 132).

Não só está claro, nesse fragmento, que a “escrita feminina” a que Llansol aqui se refere é sinónimo de “escrita de autoria das mulheres”, como também que Llansol já situa o “ninguém do sexo” em seu texto. Esse ninguém, que mais tarde ela chamaria de “feminino de ninguém”, já estaria localizado? Talvez possamos nos arriscar a dizer que sim, pois é justamente nesse diário 1 de Llansol, *Um falcão no punho*, que vemos a metamorfose de Pessoa em Aossê, o falcão. E é a Aossê que, tempos depois, em *Lisboaleipzig 2: o ensaio de música*, seria atribuído um feminino, o “feminino de ninguém”:

Passeava-se distraidamente por Lisboa quando passou por ele uma mulher nova. Sentiu-lhe os seios baterem livres contra a camisa, as pernas e o garbo da garupa (não tinha palavra melhor) caminharem sem entraves como luzes fátuas vistas na luz translúcida de um balão veneziano. *Aquele* movimento era um misto de substância viva, aragem firme, e luz trémula. *Passou por mim* foi o que pensou mais tarde, e guardou como expressão exacta um *porte altivo* e um *vestido ao vento*. Não é correcto dizer que Aossê nunca a viu. Vira-a, mas sem o rosto. Normalmente, é verdade que o verbo *ver alguém* supõe um rosto, conhecido ou a conhecer. Não vira ninguém é correcto, mas vira ninguém não é menos próprio: um rosto sem rosto. Fora- lhe mostrado – dir-se-ia – à medida das suas posses [...]

Deram-lhe um *feminino de ninguém* a ver. Viva, veloz, livre, altiva. (Llansol, 2014 [1994], p. 197).

Arrisquemo-nos aqui a fazer um longo salto para *O Texto-Catarina*, que se escreve em 1997, e que finalmente se publica em 2020: “Onde está o luar vaginal? Onde está o luar fálico? Onde está o texto em que as águas se cruzam, e a metamorfose dorme e acorda. Catarina, docemente, põe a mão sobre o peito e diz: Está aqui.” (LLANSOL, 2020, p. 31).

Lembre-mos de que *O Texto-Catarina* é invadido pelas águas dos rios, águas que se cruzam, ao mesmo tempo em que é invadido pelo luar libidinal e pelo luar vaginal. Mas não exatamente pelo luar fálico. Sim, há um ninguém que avança nesse texto. Mas esse ninguém é marcado por um feminino que é uma “Pessoa de Pessoa única”, que surge também em *Ardente Texto Joshua* (LLANSOL, 1998, p. 15), livro para onde migraram muitas das imagens e passagens de *O Texto-Catarina*. Já o luar fálico, este parece ter migrado para *O senhor de Herbais* (LLANSOL, 2002), livro com o qual *O Texto-Catarina* comporia uma trilogia da qual faria parte também *O rosto dos pobres consumidos*, livro “nunca escrito”, segundo os editores de *O Texto-Catarina*. (BARRENTO, SANTOS, 2020, p. 136).

À medida mesma em que Catarina vai se misturando à paisagem e às águas dos rios que se cruzam, vai re-velando (no sentido também de tornar a velar) o segredo de seu texto-sexo feminino de ninguém:

o segredo do texto é a paisagem móvel e serena,
que se separa de mim à janela, quando vejo Catarina subindo a
rua, e entrando na sua vida, por entre os candeeiros. Sobe com a
paisagem, desce com o rio – tem vários lugares onde habita
ligados entre si. Fosforescência do tempo. (LLANSOL, 2020, p. 78).

O Texto-Catarina, é verdade, tem vários lugares onde habita. E um deles, para além do mundo europeu, é mesmo o Rio Amazonas, no Brasil. Mas é preciso sempre pensar o que faz, desse texto, carta, uma “carta ao legente”. Trata-se do seu movimento, este mesmo a que Llansol se refere na carta a mim dirigida em fevereiro de 1997: o movimento do fulgor, pois “o fulgor é móvel”. “Era o grande criador feminino? Era o luar textual?” (LLANSOL, 2020, p. 74). “Tu és, de facto, minha íntima textura, e a complexidade que te atribuem, é porque não a sentem como simples.” (LLANSOL, 2020, p. 62). Ao que a própria Llansol poderia acrescentar, alguns anos depois, em fragmento intitulado “A boa nova anunciada à natureza”:

Tudo participa das diversas partes: a boca, a copa
frondosa, o cogumelo, a falésia, o mar, a erva rasteira, a leve
aragem, os corpos dos amantes. Os três sexos que movimentam
a dança do vivo: o homem, a mulher, a paisagem. Esta é a
novidade: a paisagem é o terceiro sexo.

A paisagem não tem um sexo simples. Nem o homem, nem a
mulher”. (LLANSOL, 2000, p. 44)

Eis-nos, então, diante de um “feminino de ninguém”, aquele que aproximamos do que Llansol chamou de “terceiro sexo”, o “sexo da paisagem”. (BRANCO, PAULA, BAETA, 2019). E “esta nudez, não a posso partilhar com ninguém, / senão com o ‘legente.’”(LLANSOL, 2020, p. 60).

Comecemos pelas primeiras palavras desta carta, que já nos ar-
rebatam:

_____ falta-me uma flor branca para compor, com rigor, um
ramo lilás. Essas, são as cores de hoje. E, para saber com rigor onde me
encontrei, hoje, fui ao jornal ver-lhe a data. Comparei-a, intuitivamente
e em silêncio, com a mesma data dos anos anteriores. Com a
perturbação de escrever, senti que a minha vida cresce para uma forma,
ou ramo, que espero ainda ver. (LLANSOL, 2000, p. 1).

Aqui, nesse lugar e nessa data, dá-se o nascimento de um ramo,
o ramo lilás. A esse ramo faltava, na ocasião – em 1998 --, a flor branca.
A das macieiras em flor – “as macieiras estão em flor branca” (LLANSOL,
2020, p. 7) --, aquelas de um “quintal inculto”, que vemos na abertura de *O
Texto-Catarina* e em *Ardente Texto Joshua?* Ou a flor branca de um outro
ramo, aquele nascido da carta “Para Lúcia Castello-Branco, e seus alunos”,
aquele a que Llansol se refere em uma outra carta, escrita onze anos depois,
para Eduardo Prado Coelho?

Creio que os outros escritores “do meu ramo”, já conhecidos ou ainda
no começo, aqui e no Brasil, vão ter de pensar no modo como criar um
espaço de vida que não seja marginal a nada, mas um lugar real
de escrita e de leitura. (LLANSOL, 2019 [1999], p. 142).

É também esta carta onde nasce o ramo lilás, o mesmo que seria
bordado na cortina branca do quarto de Augusto Joaquim e que depois veio
a envolver seu corpo morto, sepultado junto às cinzas de Jade, que Llansol
vai se concluir com estas palavras: “Finalmente, eu passei apenas pela escri-
ta. Palavra feminina como eu. Estou a acrescentar-lhe um ramo, enquanto
cresce a árvore florida _____”. (LLANSOL, 2000, p. 5).

O que significaria para uma escritora que afirma não aceitar a exis-
tência de uma “escrita feminina” esta declaração de que a escrita é “palavra
feminina como eu”? Não seria admitir, em sua radicalidade, que a escrita,
em si mesma, é feminina? Afinal, a textualidade, para Llansol, é tributária
não da narratividade, mas do “dom poético”, e este sabe não só que “o fulgor
é móvel”, mas também que “tudo participa das diversas partes: a boca, a copa
frondosa, o cogumelo, a falésia, o mar, os corpos dos amantes”. Não estaria
já aqui anunciada, nesta carta de 1998, a boa nova de um terceiro sexo, o
sexo da paisagem, que faria do texto uma “escrita feminina de ninguém”?

Vejamos o que Llansol nos diz nesta carta, sobre o legente: “Alguém
que colhe a flor que falta para que se acalme a minha perturbação pessoal,/
alguém que colhe o tom de cada um dos títulos que escrevi,/ alguém que
me traga o ramo que fiz da minha vida/ ao fato de me ler identificada com
o legente que se estende, mais esguio e inquieto, ao lado da que escreveu.”
(LLANSOL, 2000, p.1-2).

O legente, então, é aquele que colhe, que reúne e que, ao mesmo tempo, acolhe o texto e aquela que o escreveu para que se acalme a sua perturbação pessoal. O legente, como já nos indicam *O Texto-Catarina*, e também o livro *Inquérito às quatro confidências*, ambos escritos antes da *Carta ao Legente*, de 1998, é por fim aquele que “fecha o texto” do autor, depois de sua morte, entendendo que

fechar o texto de outrem não é, propriamente falando, fechar. É lançá-lo com toda a violência, ferir de impacto o céu dos homens e das imagens. É retirá-lo do horizonte inclinado onde flui entre legentes e procurar-lhe uma foz vertical _____, onde, pelo labor dos criadores, substituirá, *por decomposição*, os mitos e as construções da razão. (LLANSOL, 1997, p. 13).

Por isso, certamente, será preciso colher cada um dos títulos que ela escreveu e não compreendê-lo exatamente como um nome próprio, mas como o próprio nome de fulgor, sempre em movência, sempre em metamorfose. Ou, como Llansol o indica, em fragmento datado de 15 de outubro de 1996 e também referido a Lucia Castello Branco e seus alunos:

Recebi, há dias, textos enviados de Belo Horizonte por Lucia Castello Branco. Dizia-me que trabalhava com os alunos sobre a escrita que, provisoriamente, dá pelo meu nome. Aqui deixo os nomes de quem os escreveu, os enviados: Cristiano Florentino, Paulo de Andrade, Sérgio Antônio Silva. Digo-vos apenas que são forte, os deles abertos ao meu texto. Como não abrir o meu texto ao deles? (LLANSOL, 1997, 17).

Citados e enumerados cada um dos nomes, cada um dos textos, em breve eles vão desaparecer para dar lugar a “uma pedra dura ao luar”. Afinal, “o fulgor é móvel” e é preciso prosseguir no fulgor, buscando-lhe a “foz vertical”:

Sonho com o dia em que a presença que de nós ficará dos textos não será a do nosso nome próprio. Em que os signos da nossa travessia serão destroços de combate, toques de leveza _____ o que eu esperava ficou, ficou a chave, ficou a porta, ficou a pedra dura ao luar. (LLANSOL, 1997, p. 18).

IV – Sintra, 5 de março de 1997: uma carta e seu destino

Tomemos *O Texto-Catarina* como uma carta que, afinal, chega a seu destino. E pensemos no que esse texto escreveu: “_____ pergunto-me qual será a aspiração do texto senão tornar luminosa a poeira das vidas. E há legentes que o amam com a alegria profunda e comunicativa _____ com os próprios olhos azuis. Mas são raros os que participam nesta emoção”. (LLANSOL, 2020, p. 78).

Posso dizer que, há quase trinta anos, amo esse texto com alegria profunda e comunicativa. Por isso fiz dele uma carta que nunca acaba de chegar. O destino, como sabemos, não é o destinatário. Assim como os alunos

de Lucia Castello Branco não são apenas os que estudam o texto a partir de sua “participação activa, pois, na luz”², mas todos aqueles que se deixam ler por essas letras/cartas de Maria Gabriela Llansol.

As datas, mas não só, me fizeram estar intimamente próxima de todos os textos aqui citados. Posso assim dizer que faço parte de sua “íntima textura”, pois até hoje sou lida por essa letra/carta que não acaba de chegar. E, se lemos ali um nome próprio – Catarina – não nos apressemos a compreendê-la rápido demais. Sim, é uma mulher. Poderia ter sido Catarina de Sena, a segunda doutora da Igreja, já que esse texto se irmana com o *Ardente Texto Joshua*, publicado em 1997. Poderia ser uma mulher dos cátaros. Poderia vir a ser uma futura Catarina – vinda do futuro autobiográfico dos editores --, nas mãos de quem esse texto foi parar. Mas não. Esse texto nos ensina que ele se desenvolve em “escrita feminina de ninguém”. E assim escreve:

Carta é um escrito fechado que se dirige a alguém.

Catar é espiolhar, buscar, pesquisar, estar à espreita de...O Texto-Catarina sabe que seu nome é uma das rodas mais pequenas do relógio; que é também uma casta de videira de uva branca cultivada em Portugal.

Catar não é desenho, nem música, nem pintura. Abre esta carta. (LLANSOL, 2020, p. 82).

Assim, Catarina, recuso-me catar o seu texto e a acatar o seu sentido imposto. Recebo a sua longa carta de amor. Leio-a como a carta de múltiplos sentidos: escrita feminina de ninguém. Sigo-a. Sou a Seguitina, não a Catarina. Deixo-me ler por suas letras e colho, no interior da carta, o ramo lilás de que serei sempre a flor branca, aquela que falta, a que sempre há de faltar. Enquanto me deixo ler, uma letra/carta, a sua – “palavra feminina como eu”-- nunca mais acaba de chegar.

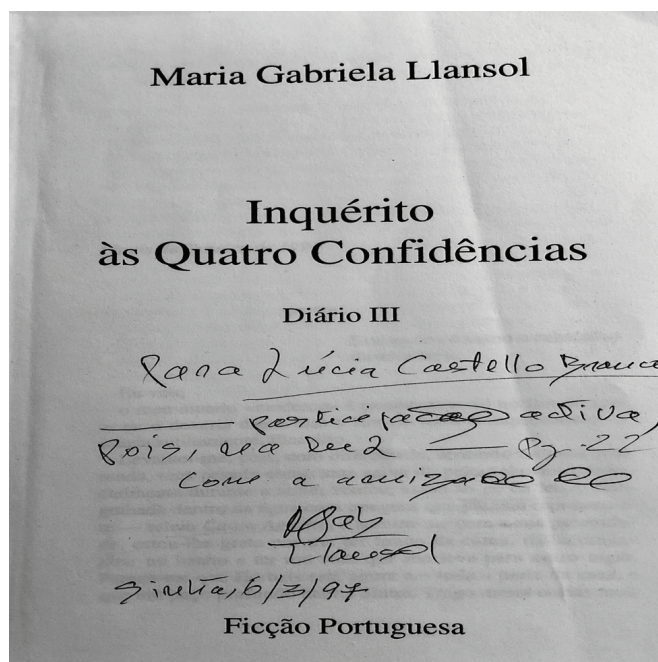


Figura 4 – Dedicatória de Maria Gabriela Llansol para Lucia Castello Branco, no exemplar de *Inquérito às quatro confidências*, datada de 6/03/97.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANCO, Lucia Castello. *O que é escrita feminina*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BRANCO, Lucia Castello. *A traição de Penélope: a escrita feminina da memória*. São Paulo: AnnaBlume, 1994.

BRANCO, Lucia Castello, BRANDÃO, Ruth Silviano. *A mulher escrita*. Rio de Janeiro: Casa Maria Editorial, 1989.

BRANCO, Lucia Castello, PAULA, Janaína de, BAETA, Vania. *Feminino de ninguém*. Belo Horizonte: Cas'a Edições, 2019.

CARNEIRO, Rebeca Cortês de Paula. *O encontro inesperado do diverso: a letra e o amor na escritura de Maria Gabriela Llansol*. Belo Horizonte: POSLIT-FALE-UFGM, 1997. [Dissertação de Mestrado em Literatura Comparada. Inédita].

COELHO, Eduardo Prado. *O único segredo é entrar: diálogos com o texto de Maria Gabriela Llansol*. Lisboa: Mariposa Azul, 2019.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. P. 13-45: O seminário sobre "A carta roubada" [1956].

LLANSOL, Maria Gabriela. *Inquérito às quatro confidências*. Diário III. Lisboa: Relógio D'Água, 1996.

LLANSOL, Maria Gabriela. O sonho de que temos a linguagem. *Revista Colóquio-Letras*, Lisboa, Fundação Kalouste Gulbenkian, n. 143-144, janeiro-junho de 1997. P. 5-18.

LLANLOI, Maria . Carta de 17-02, 1997.

LLANSOL, Maria Gabriela. *Ardente Texto Joshua*. Lisboa: Relógio D'Água, 1998.

LLANSOL, Maria Gabriela. *O livro das comunidades*. 2 ed. Lisboa: Relógio D'Água, 1999. P. 9-10: Eu leio assim este livro [A. Borges]

LLANSOL, Maria Gabriela. *Onde vais, Drama-Poesia?* Lisboa: Relógio D'Água, 2000.

LLANSOL, Maria Gabriela. *Carta ao Legente*. Belo Horizonte: Edições 2 luas, 2000.

LLANSOL, Maria Gabriela. *O senhor de Herbais*. Lisboa: Relógio D'Água, 2002.

LLANSOL, Maria Gabriela. *Um falcão no punho*. Diário I. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. [1985]

LLANSOL, Maria Gabriela. *A palavra imediata*. Livro de Horas IV. Lisboa: Assírio & Alvim, 2014.

LLANSOL, Maria Gabriela. *O Texto-Catarina*. Lisboa: Sr Teste Edições, 2020.

VIDAL, Eduardo. Letra. [Conferência proferida no Centro Cultural da UFMG, Belo Horizonte, 2015. Transcrição de Janaína de Paula. Texto inédito.]

Recebido para avaliação em 04/01/2022
Aprovado para publicação em 10/01/2022

NOTAS

1 Escritora, psicanalista, professora permanente do Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários da FALE-UFMG e do Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura do Instituto de Letras da UFBA. Pesquisadora do CNPq desde 1991. Legente de Llansol desde 1992.

2 Dedicatória de Llansol no meu exemplar do livro *Inquérito às quatro confidências*: “Para Lucia Castello Branco, participação activa, pois, na luz _____ p. 22. Com a amizade de MGab Llansol. Sintra, 6/3/97.”